

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL  
FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO**

**TAIANE DA SILVA FRANÇA**

**O BEBE E A MÚSICA: INTERAÇÃO MUSICAL ENTRE MÃE E BEBÊ**

**Campo Grande- MS**

**2024**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL**

**TAIANE DA SILVA FRANÇA**

**O BEBE E A MÚSICA: INTERAÇÃO MUSICAL ENTRE MÃE E BEBÊ**

Trabalho apresentado ao Curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, como requisito final à obtenção do Título de Graduação em Música.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Doutora Ana Lúcia Iara Gaborim Moreira

**Campo Grande- MS**

**2024**

**TAIANE DA SILVA FRANÇA**

**O BEBE E A MÚSICA: INTERAÇÃO MUSICAL ENTRE MÃE E BEBÊ**

Trabalho apresentado ao Curso de Licenciatura em Música, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, como requisito final à obtenção do Título de graduação em Música.

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Ana Lucia Iara Gaborim Moreira -  
orientadora

---

Profa. Dra. Mariana de Araújo Stocchero

---

Prof. Dr. Marcelo Fernandes Pereira

Campo Grande, 03 de dezembro de 2024.

## RESUMO

O presente estudo visa revisar bibliograficamente o papel da música na relação mãe-bebê e explorar o impacto da musicalização até os dois anos de idade. Os referenciais teóricos consultados abrangem publicações entre 2013 e 2022, oferecendo uma base sólida para compreender como a música contribui para o desenvolvimento emocional, cognitivo e social das crianças, especialmente nos primeiros anos de vida. A interação musical entre mãe e bebê tem sido amplamente pesquisada, comprovando que os bebês começam a se familiarizar com o mundo sonoro ainda no útero - o que aprimora sua sensibilidade auditiva e memória; essa exposição precoce forma as bases para o desenvolvimento musical e de linguagem. Após o nascimento, os estímulos acústicos intensificam o desenvolvimento musical, com a voz materna sendo essencial para fortalecer o vínculo afetivo e as habilidades musicais; e é nesse sentido, portanto, que se estruturam as propostas de musicalização para bebês e crianças. Este trabalho se justifica pela pouca divulgação das pesquisas nesse campo, considerando-se a importância do vínculo formado entre mãe e bebê no período pré-natal. Conclui-se que a estimulação musical desde a gestação e no início da vida pós-parto contribuem significativamente para o desenvolvimento infantil integral, destacando a relevância da música na construção da relação mãe-bebê.

**Palavras- Chave:** música na primeira infância; vínculo mãe e bebê; música e desenvolvimento humano.

# SUMÁRIO

<b><u>INTRODUÇÃO .....</u></b>	<b><u>6</u></b>
<b><u>1. A IMPORTÂNCIA DA MÚSICA NO INÍCIO DA VIDA .....</u></b>	<b><u>9</u></b>
<b>1.1. O PERÍODO PRÉ-NATAL .....</b>	<b>12</b>
<b>1.2. PERÍODO NEONATAL (0-1º MÊS DE VIDA) .....</b>	<b>15</b>
<b><u>2. DESENVOLVIMENTO MUSICAL NA PRIMEIRA INFÂNCIA E SUAS BASES TEÓRICAS.....</u></b>	<b><u>18</u></b>
<b>2.1 ATIVIDADES MUSICAIS PARA BEBÊS .....</b>	<b>23</b>
<b>2.2. AULAS DE MÚSICA PARA BEBÊS E CRIANÇAS .....</b>	<b>27</b>
<b><u>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</u></b>	<b><u>31</u></b>
<b><u>REFERÊNCIAS.....</u></b>	<b><u>32</u></b>

## INTRODUÇÃO

A interação musical entre mãe e bebê tem atraído crescente atenção nos últimos anos, tanto no âmbito social quanto científico. O canto materno desempenha um papel crucial no desenvolvimento inicial do bebê, sendo uma das formas mais significativas de comunicação desde as primeiras semanas de gestação. A partir do quinto mês, o sistema auditivo fetal começa a se desenvolver, permitindo ao bebê captar sons externos, incluindo a voz da mãe; assim, o canto materno funciona como uma estimulação auditiva fundamental, que não só fortalece o vínculo afetivo entre mãe e filho, mas também transmite uma sensação de segurança e conforto, reconhecida pelo bebê após o nascimento.

Oliveira e Araújo (2018) reforçam que o canto materno favorece o desenvolvimento cognitivo e emocional do feto, pois a repetição das melodias e o tom de voz da mãe estimulam a memória e a percepção sonora. A exposição precoce a estímulos musicais, como evidenciam diversos estudos, ajuda a desenvolver habilidades auditivas e a sensibilidade musical, que são essenciais para o desenvolvimento futuro da linguagem e da comunicação. Dessa forma, o canto da mãe se configura como um canal de comunicação precoce, preparando o bebê para o mundo sonoro e social que o aguardará após o nascimento, ao mesmo tempo em que cria um ambiente intrauterino acolhedor e estimulante.

A exposição do bebê a uma seleção diversificada de música desde os primeiros momentos de vida busca criar um ambiente propício para que a criança aprenda música de maneira semelhante ao aprendizado da sua língua materna. Segundo Carvalho (2018), esse processo permite que ela desenvolva a capacidade de pensar musicalmente, expressar suas próprias ideias musicais e explorar sua imaginação sonora, seja em atividades de apreciação musical, performance instrumental, improvisação, composição ou até mesmo na leitura e escrita musical.

Ruas e Vilarinho (2019) esclarecem que a interação com diversos estímulos acústicos intensifica o desenvolvimento da aptidão musical individual, especialmente após o nascimento. A voz materna, em particular, tem um impacto significativo na construção do vínculo afetivo com o bebê e no desenvolvimento

musical que ocorre nesta relação. A presença constante de estímulos sonoros ao longo de diferentes fases da vida evidencia regularidades no desenvolvimento, mostrando como a estimulação auditiva precoce desempenha um papel fundamental no crescimento infantil, com destaque para o desenvolvimento musical.

Por fim, é relevante ressaltar, como afirmam Ruas e Vilarinho (2019), que os termos feto, recém-nascido e bebê representam fases distintas no desenvolvimento humano. O feto é a fase intrauterina, que vai da oitava semana até o nascimento; o recém-nascido refere-se aos primeiros 28 dias após o nascimento, quando o bebê se adapta ao ambiente extrauterino; e o termo bebê abrange a faixa etária que vai do nascimento até os dois anos, período caracterizado por um rápido crescimento físico, cognitivo e emocional. O presente estudo se justifica pela análise da relação mãe-bebê, que começa a se estabelecer no período pré-natal e é moldada pelas expectativas maternas e pela interação entre ambos, criando uma base sólida para o vínculo que se fortalecerá após o nascimento.

Dessa maneira, o objetivo geral deste estudo foi realizar um levantamento bibliográfico acerca dos estudos que descrevessem o papel da música na relação mãe-bebê, analisando como o canto materno estimula o desenvolvimento das habilidades auditivas e da memória do feto, preparando-o para reconhecer e reagir aos sons que o cercam após o nascimento. Esse estímulo precoce também pode influenciar o desenvolvimento neurológico, promovendo uma melhor resposta do cérebro a estímulos auditivos e emocionais. Dessa forma, o canto da mãe não apenas fortalece a conexão afetiva entre mãe e bebê, mas também prepara a criança para futuras habilidades de linguagem, comunicação e percepção musical.

Foi realizada uma pesquisa através do método de revisão de literatura, tendo como critérios de seleção os artigos e trabalhos científicos publicados de 2013 a 2022, que estejam disponíveis online gratuitamente em língua portuguesa, apresentando o tema adequado ao proposto neste trabalho. Essa revisão foi elaborada através da busca nas bases de dados SCIELO (Scientific Electronic Library), anais de congressos, jornais e revistas acadêmicos. Os

descritores utilizados para a busca de dados foram definidos de acordo com os descritores com operador booleano AND, caracterizando-se em: “musicalização mãe bebê”, para melhor refinar a busca de artigos nas bases de dados escolhidas para a revisão.

Duas suposições que fundamentam muitas pesquisas em educação musical na primeira infância são: 1) que a música é um empreendimento social, e, 2) que a participação musical é benéfica para o desenvolvimento social geral das crianças. Como membros de grupos culturais e sociais, as crianças pequenas se envolvem com a música de várias maneiras, portanto, é possível observar o envolvimento musical dos bebês de uma perspectiva social, integrando pesquisas de uma ampla gama de campos e orientações teóricas.

O primeiro capítulo deste trabalho destaca a importância da música no período pré-natal, abordando como as interações sonoras podem influenciar o desenvolvimento do feto: ele explora a natureza das experiências musicais e sua relação com três aspectos fundamentais da cognição social, evidenciando como a música contribui para a formação de conexões emocionais e cognitivas desde os estágios iniciais da vida. Para fundamentar este capítulo, os aportes teóricos de Correia (2003), Ilari (2014), Carvalho (2018) e Gilberti (2021) foram as principais referências.

O segundo capítulo é a respeito das principais teorias sobre as crianças e a música como identidade social na infância, tendo como principais referências os trabalhos de Gordon (apud OLIVEIRA, 2021), Sloboda (apud MOTA, 2014) e Manturzevska e Kamińska (apud DUARTE, 2016); logo, apresentam-se propostas de atividades e estruturação de aulas com as referências das educadoras musicais Josete Feres e Margareth D´Arezzo. Dessa maneira, a prática de educação musical para bebês e crianças é discutida ao longo do texto, com o devido embasamento científico.



## 1. A IMPORTÂNCIA DA MÚSICA NO INÍCIO DA VIDA

A música desempenha um papel crucial no desenvolvimento global do ser humano, oferecendo estimulação nas áreas cognitiva, emocional, social e motora. Assim, a prática de musicalização, que envolve bebês e crianças em atividades lúdicas e dinâmicas adequadas à faixa etária, cria uma atmosfera em que elas podem explorar e expressar suas habilidades musicais, de forma realmente significativa. De acordo com Kater (1997, p.9), os objetivos da musicalização para crianças são vários:

descontração, integração grupal e socialização, desenvolvimento da memória, atenção, acuidade e observação, sentido rítmico e melódico, coordenação motora, prontidão de respostas, etc. (...) A participação ativa e criativa de todas e cada uma delas, junto aos produtos e valores de sua própria cultura, é fator decisivo para o desenvolvimento saudável, autêntico de toda a sociedade (KATER, 1997, p.9).

Carvalho (2018) enfatiza que, com a prática de musicalização, o repertório musical se amplia ao longo da infância. Segundo o autor, além de ser uma forma de expressão cultural, a música favorece a organização dos sentidos, promove uma compreensão mais ampla do mundo, auxiliando no desenvolvimento emocional e na interação social. Assim, a musicalização se torna um meio eficaz para proporcionar às crianças experiências ricas e diversificadas que ampliam seu conhecimento e apreciação musical desde os primeiros anos de vida, por meio de canções de roda, brincadeiras de mão, jogos envolvendo voz, gestos, movimentos corporais. A exposição a diversas referências sonoras vai além do simples reconhecimento de melodias ou ritmos, influenciando positivamente o crescimento das crianças (OLIVEIRA; ARAÚJO, 2018).

Contudo, o processo de musicalização pode começar bem antes de as crianças verbalizarem suas primeiras palavras ou se envolverem com instrumentos musicais de forma consciente. Desde os primeiros momentos de vida do recém-nascido, a música ajuda a organizar o sistema sensorial, principalmente a audição, permitindo que a criança se familiarize com os sons, tonalidades, ritmos e estruturas musicais. Essa familiarização não se limita a ouvir música, mas envolve também a interação com o ambiente sonoro ao seu

redor, que inclui a resposta a variações de intensidade, timbre e ritmo (CORREA, 2013).

Quando as crianças são expostas a diferentes estilos e formas musicais desde cedo, elas começam a internalizar esses sons e padrões, formando uma base de repertório que será crucial para seu desenvolvimento musical ao longo dos anos. A variedade musical, como canções infantis, ritmos tradicionais, músicas de diferentes culturas e até mesmo a atenção aos sons que a cercam, amplia o repertório musical das crianças e, ao mesmo tempo, estimula a curiosidade e a capacidade de explorar novas sonoridades.

Ao aumentar o repertório musical, as crianças não só enriquecem seu vocabulário sonoro, mas também aprimoram suas habilidades cognitivas. Elas passam a perceber e distinguir entre diferentes tipos de sons, ritmos e melodias, o que favorece o desenvolvimento de habilidades como memória auditiva, concentração, percepção temporal e espacial e a lógica. A música ativa várias áreas do cérebro simultaneamente, o que pode melhorar, por exemplo, a habilidade de atenção e a capacidade de resolução de problemas (CORREA, 2013).

Além disso, a musicalização proporciona um importante desenvolvimento emocional. Ao ouvir músicas que expressam diferentes emoções – alegria, tristeza, calma, entusiasmo – as crianças aprendem a reconhecer e a identificar suas próprias emoções. Isso facilita a compreensão de si mesmas e dos outros, promovendo a empatia e a socialização, uma vez que as crianças tendem a compartilhar experiências musicais em grupo, seja cantando, dançando ou tocando instrumentos (GILBERTI, 2021).

A musicalização também oferece às crianças uma maneira rica e criativa de se expressar. Por meio da música, elas podem comunicar sentimentos e pensamentos que muitas vezes não conseguem expressar verbalmente, especialmente nos primeiros anos de vida, quando o vocabulário verbal ainda está em desenvolvimento. Ao cantar, tocar instrumentos ou dançar, as crianças desenvolvem não apenas habilidades técnicas, mas também a confiança para

se expressar de maneiras não-verbais, uma habilidade importante para a comunicação e a interação social (OLIVEIRA; ARAÚJO, 2018).

Além dos benefícios cognitivos e emocionais, o aumento do repertório musical por meio da musicalização desde cedo também traz vantagens sociais. A participação em atividades musicais em grupo, como rodas de música, canto coletivo ou danças, incentiva a colaboração, o trabalho em equipe e o respeito às diferenças. A música permite que as crianças se conectem com outras de forma lúdica e criativa, facilitando a construção de laços sociais desde a primeira infância.

Do ponto de vista cultural, a musicalização proporciona um contato com a diversidade musical, possibilitando às crianças o acesso a diferentes culturas e tradições. O repertório musical da criança vai se expandindo à medida que ela entra em contato com canções, ritmos e instrumentos de diferentes partes do mundo, favorecendo o desenvolvimento de uma visão mais ampla e respeitosa sobre a diversidade cultural (CARVALHO, 2018).

O aumento do repertório musical na infância, mediado pela musicalização, não é apenas uma acumulação de músicas e canções, mas sim um processo de aprendizagem contínuo e progressivo. Ao longo dos primeiros anos, a criança adquire uma bagagem que será essencial para o desenvolvimento de habilidades musicais mais avançadas, como a capacidade de criar, improvisar, tocar instrumentos e até mesmo compor. Além disso, a musicalização também é um alicerce para o aprendizado de outras áreas do conhecimento, já que o desenvolvimento musical está diretamente ligado ao aprimoramento da percepção auditiva, do raciocínio lógico e da linguagem, como nos explica Correia:

A música auxilia na aprendizagem de várias matérias. Ela é componente histórico de qualquer época, portanto oferece condição de estudos na identificação de questões, comportamentos, fatos e contextos de determinada fase da história. Os estudantes podem apreciar várias questões sociais e políticas, escutando canções, música clássica ou comédias musicais. O professor pode utilizar a música em vários segmentos do conhecimento, sempre de forma prazerosa, bem como na expressão e comunicação, linguagem lógico-matemática, conhecimento científico, saúde e outras. Os

currículos de ensino devem incentivar a interdisciplinaridade e suas várias possibilidades. [...] A utilização da música, bem como o uso de outros meios, pode incentivar a participação, a cooperação, socialização, e assim destruir as barreiras que atrasam a democratização curricular do ensino. [...] A prática interdisciplinar ainda é insípida em nossa educação (CORREIA, 2003, p. 84-85).

Em suma, a musicalização para bebês é um elemento chave para o aumento do repertório musical das crianças, oferecendo uma rica gama de estímulos que contribuem para o desenvolvimento integral delas. Ao enriquecer a vida musical desde os primeiros anos, a criança não apenas constrói uma base sólida de referências sonoras, mas também desenvolve habilidades cognitivas, emocionais, sociais e culturais que a acompanharão ao longo de sua vida.

### 1.1. O PERÍODO PRÉ-NATAL

O desenvolvimento musical na vida fetal ocorre a partir da formação sensorial auditiva geneticamente determinada, complementada pela estimulação auditiva recebida pelo feto. Segundo Ilari (2014), no caso do sentido da audição, os folículos auriculares em desenvolvimento são visíveis a partir das 6 semanas de vida fetal. Na 10ª semana, o ouvido interno se desenvolve intensamente, células ciliadas se formam na membrana basal da cóclea, de modo que, entre a 14ª e a 15ª semana, o órgão de Corti, embora ainda não esteja maduro, inicia seu funcionamento.

Por volta da 25ª semana de gravidez, o sistema auditivo em desenvolvimento reage aos sons – internos e externos ao ventre materno – o que se manifesta, entre outras coisas, por batimentos cardíacos acelerados e aumento da mobilidade fetal. Entre as semanas 24 e 28, tanto os próprios receptores auditivos (células ciliadas) quanto suas conexões sinápticas amadurecem. Entre a 26ª e a 28ª semana ocorre a mielinização das vias auditivas, afetando a velocidade e a sincronização do fluxo do impulso nervoso. Inicialmente, o sistema auditivo responde a uma faixa de baixa frequência de 250 a 500 Hz (por volta da semana 25 a 27); mais tarde, das semanas 29 a 31, ele se expande para 1.000 a 3.000 Hz (ILARI, 2014).

À medida que aumenta a capacidade de responder a uma gama mais ampla de estímulos de frequências, desenvolve-se a capacidade de discriminar entre frequências individuais: há um aumento da sensibilidade para perceber sons mais suaves e desenvolve-se o processamento temporal associado à percepção cada vez mais rápida de sons, incluindo os de curta duração. A sensibilidade auditiva fetal, entendida como a capacidade de processar sons muito suaves, amadurece de forma particularmente intensa entre 24 e 35 semanas. Em estudos realizados com gestantes, observou-se que a música alta resulta em batimentos cardíacos acelerados e aumento da atividade motora nos bebês, enquanto a música baixa tem o efeito oposto. Vale a pena notar que as orelhas fetais estão cheias de líquido amniótico, portanto, o sentido da audição é protegido de danos que poderiam ser causados por sons excessivamente altos (CARVALHO, 2018).

Por volta do terceiro trimestre de gravidez, o sentido da audição já funciona de forma semelhante à de um adulto. Por exemplo, ao medir a maturidade da resposta à música, avaliando a frequência cardíaca e as respostas motoras, há uma mudança significativa no processamento auditivo que ocorre por volta da semana 33. Por volta do momento do nascimento, os bebês apresentam mudanças muito precisas em suas respostas fisiológicas, como alterações na frequência cardíaca ou na mobilidade, dependendo de aspectos específicos da estimulação musical – por exemplo, intensidade, frequência, timbre e mudanças de tempo (CARVALHO, 2018).

Alguns estudos demonstram que, após o nascimento, os bebês que ouviram uma canção de ninar tiveram uma resposta cerebral significativamente mais forte em comparação com as crianças que não receberam tal estimulação durante o período fetal. Além disso, o efeito está relacionado à intensidade da estimulação: quanto mais vezes a canção de ninar foi ouvida na vida fetal, maior foi a resposta cerebral a esses sons após o nascimento.

Sem dúvida, o desenvolvimento dos processos de aprendizagem no período pré-natal é condicionado pela interação do sistema nervoso em amadurecimento com estímulos repetidos, o que permite o surgimento do reforço sináptico de longo prazo responsável pela consolidação dos traços de memória.

A musicalidade parece ser de grande importância para o desenvolvimento do feto (NETO et al., 2018): pode ser entendida como a capacidade de experimentar a música emocionalmente, de descobrir a mensagem emocional enquanto a ouve e de expressar emoções naturalmente enquanto executa a música. Ao analisar relatos sobre o papel que o canto materno desempenha tanto na vida fetal quanto após o nascimento, pode-se dizer que a musicalidade é formada já no pré-natal, sendo em grande parte devido ao canto materno.

Dos mecanismos responsáveis por esse efeito, o líquido amniótico que envolve o feto é um transmissor eficaz do contorno melódico da voz materna. Quando uma mãe fala ou canta, as propriedades prosódicas de sua voz, como melodia e ritmo, são transmitidas à criança em desenvolvimento por meio de ondas sonoras que percorrem os tecidos de seu corpo. Ao mesmo tempo, o estado emocional da mãe, refletido no tom de voz, seu timbre e frequência, e no ritmo e andamento da fala ou do canto, está associado a uma atividade hormonal específica (NETO et al., 2018).

Esse código hormonal específico que acompanha as emoções vivenciadas pela mãe é passado junto com o sangue para a criança, induzindo a atividade de neurotransmissores específicos. Assim, a percepção da emoção passa a ser associada às características melódicas e rítmicas específicas da voz da mãe, principalmente durante o canto. Como resultado, a experiência auditiva-emocional de canal duplo entrelaçada, mesmo antes do nascimento, forma a base da capacidade de perceber e compreender as emoções tanto na fala quanto no canto e, mais tarde, também na música (RUAS; VILARINHO, 2019).

A sensibilidade às propriedades prosódicas da voz e da linguagem materna, que se forma já na vida fetal, evidencia não só a capacidade do feto de perceber sons, mas também sua capacidade de atender, processar, e memorizar informações auditivas simples. As habilidades musicais e de linguagem de uma criança começam a se formar antes mesmo do nascimento. Deve-se ter em mente que a hereditariedade interage com o ambiente (RUAS; VILARINHO, 2019).

Assim, o contato do feto com a música é pré-requisito para o desenvolvimento musical já no período pré-natal, enquanto a plena simbiose com a mãe garante o contato com sua voz e língua materna. É durante a gravidez que a mãe apresenta o filho ainda não nascido ao mundo dos sons, da música e das canções que ela canta, ampliando a capacidade da criança de desenvolver a audição musical, o senso de ritmo, a memória musical e a musicalidade.

## 1.2. PERÍODO NEONATAL (0-1º MÊS DE VIDA)

A criança vem ao mundo com o sentido da audição fisiologicamente desenvolvido, o que permite a percepção da música. Um recém-nascido saudável é capaz de diferenciar altura, timbre e intensidade dos sons e tem aptidão para processar temporalmente estímulos musicais (duração, ritmo e andamento), todos os quais, como mencionado anteriormente, já se desenvolviam no terceiro trimestre de gravidez. Porém, vale ressaltar que apesar do amadurecimento do sentido da audição, a percepção da música ainda não se dá da mesma forma que no adulto (GILBERTI, 2021), porque o recém-nascido ainda não possui aptidão para compreender estruturas musicais complexas. Ouvir música não se limita ao processamento de estímulos acústicos simples, mas consiste em um processo que envolve funções cognitivas (por exemplo, percepção auditiva complexa, atenção ou memória), emocionais e motivacionais. Além disso, Gilberti (2021) ressalta que não se pode esquecer de todo o sistema de associações, expectativas, preferências ou percepções formadas ao ouvir as peças musicais, o que é corroborado por Oliveira e Araújo:

o processamento da música, portanto, requer uma análise complexa de vários aspectos da música que chega aos ouvidos, uma análise tornada possível pelo desenvolvimento de redes neuronais complexas que ativam várias partes do cérebro, desde o tronco cerebral estimulando as partes superiores do sistema nervoso, até o sistema límbico, ao córtex cerebral, incluindo não apenas os lobos temporais, mas também os lobos frontal, occipital e parietal de ambos os hemisférios (OLIVEIRA; ARAÚJO, 2018, p.23).

No entanto, o processo de ramificação das conexões neuronais, que já se iniciou no período pré-natal, intensifica-se significativamente após o nascimento, o que se reflete na aquisição de novas habilidades no recém-nascido. A pesquisadora Beatriz Ilari (2014) explica que, devido à alta

sensibilidade ao som da voz humana, já desenvolvida na vida fetal (por exemplo, demonstrada pela capacidade de diferenciar com precisão a frequência dos sons e sua duração), os recém-nascidos mostram mais óbvia e maior prontidão para perceber e aprender qualquer linguagem em comparação com estágios posteriores de seu desenvolvimento; isso inclui a percepção da linguagem musical de uma cultura específica.

A autora ainda esclarece que, apesar de sua prontidão para processar música de diferentes culturas, bebês de dois dias ouvem por mais tempo a voz de uma mulher cantando no estilo de sua cultura nativa do que em uma cultura estrangeira, demonstrando a existência de memória musical pré-natal. No entanto, a abertura para a recepção de uma variedade de escalas musicais de diferentes culturas é maior durante o primeiro período de vida (ILARI, 2014).

Resumindo os resultados das pesquisas sobre o desenvolvimento musical amplamente compreendido no período neonatal aqui apresentadas, pode-se afirmar que a criança vem ao mundo com o sentido da audição totalmente formado. O bebê demonstra a capacidade de diferenciar os aspectos melódicos e temporais dos estímulos sonoros recebidos, o que está associado à audição musical e rítmica. Ele realiza uma análise simples das mudanças na música e reage a elas com uma resposta emocional (CARVALHO, 2018), tal como exposto no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil: Conhecimento de Mundo (vol. 3), publicado em 1998:

Muito cedo, os bebês emitem sons articuladores que lhe dão prazer e que revelam seu esforço para comunicar-se com os outros. Os adultos ou crianças mais velhas interpretam essa linguagem peculiar, dando sentido à comunicação dos bebês. A construção da linguagem oral implica, portanto, na verbalização e na negociação de sentidos estabelecidos entre pessoas que buscam comunicar-se (BRASIL, 1998, p.125.)

No que diz respeito à percepção musical, reiteramos que o bebê ainda não atinge o mesmo nível de complexidade e compreensão de um adulto, no entanto possui uma memória musical pré-natal e lembra novos fragmentos de música. O bebê prefere a voz da mãe e, em sua relação com a mãe, aprende a vivenciar a música emocionalmente, o que se reflete no desenvolvimento da



musicalidade. Ao longo desse desenvolvimento musical, também é enfatizada a interação de fatores genéticos com influências ambientais (GILBERTI, 2021).

Portanto, uma estimulação musical ideal que não sobrecarregue o sistema nervoso em desenvolvimento, baseada em vocalizações maternas e (em menor grau) em peças musicais, é muito importante no primeiro mês de vida. Afinal, embora, inicialmente, as necessidades fisiológicas básicas de um bebê e o estabelecimento de um relacionamento seguro com uma pessoa significativa (por exemplo, a mãe) pareçam mais importantes, a estimulação musical, ao contribuir para o desenvolvimento musical, pode ajudar significativamente a atender a essas necessidades baseadas em vocalizações maternas e é muito importante no primeiro mês de vida.

## **2. DESENVOLVIMENTO MUSICAL NA PRIMEIRA INFÂNCIA E SUAS BASES TEÓRICAS**

Nos primeiros meses de vida, os bebês podem apresentar notáveis habilidades perceptivas no campo musical. Correia (2013) afirma que desde cedo, os bebês desenvolvem sensibilidade a contornos melódicos e alturas relativas. Além disso, possuem habilidades perceptivas fundamentais para a cognição musical que são universais, permitindo-lhes reconhecer sutilezas musicais em qualquer cultura. À medida que crescem, ocorre um ajuste específico à cultura, levando ao desenvolvimento de habilidades musicais mais alinhadas com a cultura em que estão inseridas. Por exemplo, a percepção rítmica é inicialmente geral e, aos 6 meses, bebês reagem a ritmos musicais de forma padronizada. No entanto, aos 12 meses, eles já demonstram respostas específicas da cultura, semelhantes aos adultos.

O desenvolvimento das habilidades de produção de ritmo também é rápido na primeira infância, conforme observado por Beyer (2014). Por volta dos dois anos e meio, as crianças conseguem adaptar o andamento de sua percussão para sincronizar com um parceiro, mas apenas por volta dos 4 anos alcançam a sincronização com um padrão rítmico específico. Outras habilidades, como a sensibilidade à harmonia, só se desenvolvem no final da infância. Desde cedo, os bebês mostram interesse e atração pela música e estímulos musicais, como a fala direcionada a eles. Eles respondem de forma expressiva e coordenada, criando padrões cooperativos de comunicação, que podem ser considerados uma forma de musicalidade comunicativa, onde as vocalizações iniciais se assemelham tanto a cantos quanto a fala, sendo indistinguíveis.

Após o primeiro ano de vida, as crianças começam a se expressar musicalmente, dançando de forma rudimentar ao som da música. Com o tempo, suas vocalizações evoluem para fala e canto distintos, com características peculiares, como glissandos, tons instáveis, sons indefiníveis, neologismos e frases curtas em faixa vocal estreita, além de intervalos pequenos e afinação imprecisa (RODRIGUES; ARRAIS; RODRIGUES, 2013).

À medida que se aproximam dos 3 anos de idade, as crianças se tornam mais sofisticadas no canto, podendo combinar canções ou fragmentos delas.

Com essa evolução, conseguem aproximar-se cada vez mais dos contornos melódicos de uma música completa. O desenvolvimento da habilidade de cantar atinge sua maior completude em torno dos 8 anos de idade.

Existem várias orientações teóricas na literatura de Psicologia da Música que enfatizam o papel das primeiras experiências auditivas no desenvolvimento musical. A abordagem clássica é apresentada por Helmut Moog, que observou o desenvolvimento musical infantil desde a infância até a adolescência no contexto de condições psicossociais holísticas. Segundo ele, os bebês respondem à música com movimento. Isso é seguido por um interesse em localizar a fonte do som e uma auto-expressão em resposta ao som, assumindo a forma das primeiras vocalizações imitativas (SOUZA; BARROS, 2016).

A música também começa a ter uma função relaxante no período pós-natal, quando a atividade motora espontânea associada à atividade vocal é mais frequentemente exteriorizada. A qualidade do canto melhora e o movimento ao som da música geralmente ocorre na forma de jogos sociais. Gradualmente, a atenção à música e a coordenação dos movimentos ao som da música melhoram. A necessidade de criatividade vocal também se torna aparente. A criança cresce lentamente na cultura musical nativa (SOUZA; BARROS, 2016).

Edwin Gordon, pesquisador americano (1927-2015), apresenta a abordagem de que os fatores inatos são a raiz da aptidão musical. Além dos fatores genéticos, o ambiente musical – que afeta a mãe durante a gravidez e a capacidade de resposta do feto à música – desempenha um papel importante. Segundo Gordon, ao nascer, a pessoa apresenta o maior potencial de aptidão musical, que declina continuamente a partir desse momento. A presença de estimulação musical pode retardar ou inibir esse processo. No entanto, o efeito do ambiente só importa até os 9 anos, quando a aptidão musical se estabiliza. Gordon usa o conceito de audição, que ele define como pensamento musical, audição e compreensão da música. Ele também distingue dois tipos de contato com a música: direção musical e educação (apud MARIANO, 2015).

Em contraste com a educação musical (associada à escolaridade), Gordon descreve a direção musical como estimular a criança com música o mais

cedo e de forma abrangente possível, de preferência desde o período pré-natal, e realizar brincadeiras musicais que envolvam a criança no que ouvem. Quanto maior a variedade de músicas usadas, melhor. O objetivo da direção é expandir a experiência musical e inibir a perda da aptidão inata, e não necessariamente adquirir habilidades musicais específicas (OLIVEIRA, 2021).

Outra abordagem, enraizada na Psicologia cognitiva da música, é representada por John Sloboda. Ele considera a música em categorias de linguagem. A interação da autoatividade com fatores genéticos e influências ambientais é responsável pelo desenvolvimento musical. Esse autor divide o desenvolvimento musical em duas etapas: a enculturação e a formação adequada, na maioria das vezes associada à educação institucional (apud MOTA, 2014).

A enculturação como um processo de crescimento na cultura de uma determinada sociedade inclui a experiência cotidiana de produtos culturais, incluindo a música. Aprender música é semelhante a adquirir linguagem – é inconsciente e geralmente ocorre por meio da imitação. Análoga à linguagem, as habilidades receptivas à música emergem mais rapidamente do que as expressivas. Nesse período, que vai até aproximadamente os 10 anos, há uma falta de autoconsciência sobre o desenvolvimento de habilidades musicais, e sua aquisição é um tanto automática ou intuitiva, devido à influência do ambiente - principalmente a casa (MOTA, 2014).

Assim, o desenvolvimento musical ocorre no contexto do desenvolvimento cognitivo e dos processos de aprendizagem experiencial na cultura musical em que a criança cresce. Durante o período de enculturação, a consciência musical começa a se desenvolver, permitindo-lhes perceber relações específicas entre diferentes sons; esse processo pode ser percebido já por volta do 5º mês de idade. Entretanto, segundo Sloboda, comportamentos musicais conscientes não podem ser observados antes dos 6 meses de idade; na verdade, em alguns casos, eles podem não estar presentes até 1 ano de idade (apud CRUZ; CRUZ, 2018).

Embora o treinamento intensivo possa auxiliar no desenvolvimento da imitação de alturas (pitch), essa habilidade está mais relacionada à capacidade de copiar o contorno entoacional da fala. Sloboda argumenta que durante o primeiro ano de vida, os bebês apenas distinguem entre sons musicais e não musicais, conforme demonstrado por seu foco de atenção, vocalizações ou respostas motoras. O surgimento do canto espontâneo por volta dos 18 meses de idade é considerado um marco significativo no desenvolvimento musical (CRUZ; CRUZ, 2018).

A criança começa a usar sons de afinação estável, inicialmente dentro de segundas e terças, e depois também quartas e quintas. Nos 2º e 3º anos, as canções mostram um nível crescente de organização, manifestado por frases relativamente fixas no sentido tonal, repetições usadas conscientemente ou um centro tonal instável. No período pós-natal, a criança incorpora trechos de canções familiares ao seu canto. Próximo, vem a consciência dos padrões rítmicos e melódicos característicos da cultura nativa. Gradualmente, a precisão da entonação do canto aumenta até o ponto em que crianças de cerca de 5 anos de idade podem cantar corretamente canções de seu contexto cultural (FREIRE et al., 2019).

Aumentar a autoconsciência da performance da criança tem o efeito de deslocar gradualmente o canto espontâneo em favor da imitação precisa de músicas existentes, ou mesmo imitar performances específicas delas. Uma criança de 5 anos pode demonstrar concentração consciente na estrutura do tom e do ritmo, bem como demonstrar uma coordenação adequada do movimento com a música (SILVA, 2017).

Na mesma linha, Maria Manturzevska e Barbara Kamińska, conforme postulado por Duarte (2016), argumentam que o desenvolvimento musical é influenciado por fatores genéticos e inatos, que determinam o alcance, o limite superior e a dinâmica de crescimento das predisposições potenciais. Os autores também destacam a relevância dos fatores ambientais nesse processo, sublinhando que a disponibilidade de exemplos diretos de comportamento musical desde a primeira infância, a inclusão da música na comunicação natural com o ambiente imediato e a prática sistemática de habilidades musicais básicas

(como cantar ou tocar um instrumento sob a orientação de uma pessoa competente) são aspectos essenciais para o desenvolvimento da aptidão musical.

Duarte (2016) ainda reforça que o desenvolvimento musical depende profundamente de um diálogo contínuo com o ambiente. Além disso, Manturzevska e Kamińska, em seus estudos, observam que na vida pré-natal surgem as primeiras respostas sensório-motoras, enquanto que durante a infância, há um aumento na sensibilidade sensório-emocional à música, com a atividade musical reativa-emocional tornando-se mais evidente. A pesquisadora Vilma Fogaça (2018) destaca que concentrar-se na voz humana e no canto inspira a criança a manipular sua voz e a vocalizar. Antes de um ano de idade, a criança distingue entre canto e fala, e começa a cantar canções, embora as melodias que as compõem não tenham semelhança identificável com padrões. A memória musical torna-se aparente, evidenciada pelo reconhecimento da criança de diferentes sons, bem como de melodias frequentemente ouvidas. A atividade musical espontânea, tanto vocal quanto motora, torna-se mais importante no período pós-natal; nesta fase, já se podem observar grandes diferenças individuais ao nível do desenvolvimento musical pela memória e atenção à música. Embora cada uma das abordagens apresentadas acima enfatize uma dimensão ligeiramente diferente do desenvolvimento musical inicial, todas apontam para o papel da estimulação musical no desenvolvimento da aptidão musical desde cedo (RUAS; VILARINHO, 2018).

Em um livro recente, Mark Reybrouck relata sobre seu interesse ao longo da vida no que ele chama de 'criação de sentido musical', estando relacionado com a experiência da música como som. A experiência musical é vista como um processo dinâmico e ativo de 'criação de sentido', que é essencialmente subjetivo e peculiar ao indivíduo, bem como social, sendo uma apreciação de que os humanos são seres sociais, comunais e abertos à influência de outros (REYBROUCK; VUUST; BRATTICO, 2021).

A literatura de pesquisa sobre desenvolvimento musical, tende a empregar tarefas musicais simples que podem ser usadas para fazer comparações entre grandes grupos de indivíduos. No entanto, essa coleta de

dados também precisa reconhecer a importância central da emoção e do envolvimento, inclusive nas preferências musicais.

## 2.1 ATIVIDADES MUSICAIS PARA BEBÊS

Após o nascimento, a música pode engajar todas as facetas do desenvolvimento cerebral. Bebês têm a habilidade de identificar sons familiares, o que fomenta sua criatividade e imaginação. A música impulsiona a totalidade do progresso cerebral, promovendo o desenvolvimento global do bebê. Segundo Ilari (2014), os primeiros movimentos dos bebês emergem a partir de reflexos, mas existem múltiplas formas de estimulá-los a iniciar movimentos ao som de melodias suaves. A autora ressalta que, desde o momento do nascimento, é benéfico iniciar o movimento melódico, introduzindo a música já no planejamento do parto e, depois, em casa, embalando-os ao ritmo das canções. À medida que os bebês crescem, é importante incentivar sua interação com a música, permitindo que participem de atividades como entoar canções de ninar, tocar tambores e agitar maracas. A música pode ser uma aliada para acalmar o bebê na hora de dormir: cantarolar, tocar músicas suaves ou utilizar ruído branco pode auxiliar a relaxar e tranquilizar o bebê para o sono.

De acordo com Neto et. Al (2018), tambores, maracas e outros instrumentos rítmicos são ideais para bebês, pois são fáceis de segurar e agitar, promovendo o desenvolvimento das habilidades motoras finas. Estudos conduzidos ao longo da última década sobre os efeitos da música e movimento nas crianças revelaram que o ritmo e a velocidade desencadeiam estímulos nas mentes em formação, promovendo o reconhecimento de padrões e a apuração auditiva. Dessa maneira, segundo os autores, evidenciam-se os ganhos da música e movimento para o desenvolvimento infantil (NETO et al., 2018).

Conforme Pereira, (2022) os proveitos da música e movimento para crianças com menos de cinco anos englobam auxílio no:

- Desenvolvimento cognitivo: na maneira como elas raciocinam, exploram e interagem com seu entorno.

- Aperfeiçoamento de aptidões de resolução de enigmas, como lógica, dedução e sequenciamento.

- Autoexpressão: na forma como comunicam sentimentos, conceitos e pensamentos por meio da música, movimento ou ao tocar um instrumento.

- Progresso de habilidades físicas, como coordenação entre mãos e olhos, percepção espacial e equilíbrio.

- Competências sociais, como colaboração, alternância e compartilhamento da vivência musical, ao aprender a dançar e tocar instrumentos junto a outras pessoas.

- Regulação emocional, ao aprenderem a se acalmar, relaxar e administrar suas emoções de forma mais controlada.

A maioria dos educadores da primeira infância concorda que música e movimento de qualidade em programas educacionais para bebês no estágio inicial devem se basear na nutrição do interesse natural da criança. As crianças de pouca idade colhem benefícios das atividades que envolvem música e movimento, pois naturalmente possuem muita energia. A música proporciona uma via imediata para que elas canalizem seu entusiasmo (GILBERTI, 2021).

Os programas de aprendizado destinados a essas crianças devem incorporar vivências musicais e de movimento, tais como:

- Cantar e dançar ao som da música. A maioria das crianças pequenas aprecia entoar canções e rimas simples que lhes são conhecidas, junto com sua família.

- Explorar instrumentos musicais, como bater tambores e agitar maracas. Caso não se possua brinquedos musicais, é possível confeccioná-los ou reutilizar objetos domésticos, como potes e colheres (GILBERTI, 2021).



**Figura 1** - Cantar, dançar e brincar



Fonte: Google Imagens<sup>1</sup>

- Bater os pés, aplaudir ou até mesmo usar um instrumento no colo de um adulto. Música e movimento que se adequam ao ritmo dos adultos podem se transformar em uma divertida atividade social familiar, proporcionando oportunidades para participar de experiências divertidas e prazerosas. Educadores sabem que a resposta positiva à música aumenta quando tanto a música quanto o movimento são reconhecíveis.

**Figura 2**- Bater os pés, aplaudir e tocar instrumento no colo



Fonte: Google Imagens <https://www.cpt.com.br/dicas-cursos-cpt/como-trabalhar-o-ritmo-musical-infantil-usando-palmas-e-pes>

- Jogos musicais que auxiliam no desenvolvimento das habilidades motoras finas e que são divertidos para torcer e se movimentar (AMORIM, 2017).

---

<sup>1</sup> Cantar, dançar e brincar: a importância da música na primeira infância (FUNDAÇÃO BERNARD VAN LEER, 2022). Disponível em: <https://urban95.org.br/cantar-dancar-e-brincar-a-importancia-da-musica-na-primeira-infancia/>. Acesso em: 14 nov. 2024.

**Figura 3-** Jogos musicais no desenvolvimento das habilidades motoras finas



Fonte: Google Imagens <https://novosalunos.com.br/brinquedos-pedagogicos/>

- Incorporar a música à rotina diária da criança: introduza música em atividades cotidianas que envolvem música e movimento, como na hora de dormir, idas ao supermercado ou até mesmo na rotina de limpeza.

**Figura 4 -** Música à rotina diária da criança



Fonte: Google Imagens <https://www.bmbterapeuticos.com.br/produto/ima-das-rotinas-diarias-16-imas/>

A música e o movimento na educação infantil podem ser espontâneos. As crianças pequenas são aprendizes ativos que escolhem dançar e cantar no momento. Além disso, tocar instrumentos musicais ou cantar com crianças pode estimular conexões positivas com as crianças (AMORIM, 2017).

**Figura 5 - Música e movimento na educação infantil**



Fonte: Google Imagens. <https://www.escolamaculada.com/noticias-ver/musica-e-movimento-sao-usados-como-estimulos-pedagogicos/456>

## 2.2. AULAS DE MÚSICA PARA BEBÊS E CRIANÇAS

O que se reconhece como “música para crianças” é um gênero musical específico criado e adaptado para atender às necessidades, interesses e capacidades das crianças em diferentes faixas etárias. Ela é projetada para envolver e entreter os jovens ouvintes, promovendo não apenas o entretenimento, mas também o desenvolvimento cognitivo, emocional, social e físico (SOARES, 2014).

A música para crianças geralmente possui características distintas, como letras simples e facilmente compreensíveis, melodias cativantes, ritmos animados e arranjos musicais que ressoam com as sensibilidades infantis. Os autores Lopardo, Reis e Leão (2018) enfatizam que o repertório educativo-musical pode abranger uma variedade de estilos, desde canções de ninar suaves e ritmos enérgicos até músicas educativas e interativas. A música para crianças desempenha um papel crucial no crescimento e desenvolvimento das crianças, pois pode ajudar a estimular a criatividade, melhorar as habilidades de linguagem e comunicação, promover o aprendizado de conceitos educacionais, desenvolver habilidades motoras grossas e finas e também incentivar a expressão emocional e social. Essa forma de música muitas vezes é encontrada em programas infantis de televisão, rádio, plataformas de streaming e também em contextos educativos, como escolas, creches e atividades extracurriculares.

A incorporação de música e movimento no desenvolvimento infantil inicial contribui para a promoção da alfabetização motora, o aprimoramento das competências sociais e o fomento do desenvolvimento linguístico. Além disso, essa prática é apreciada por indivíduos de diversas faixas etárias, tornando-a uma atividade divertida para o seu filho durante os anos que antecedem a idade escolar. As propostas de aulas de musicalização para bebês desenvolvidas por Josete Feres e Margareth D´Arezzo destacam a importância de um ensino que seja lúdico, sensível e adequado às necessidades e ao desenvolvimento de cada bebê. Ambas as autoras defendem que as atividades de musicalização devem ser simples, naturais e envolventes, criando um ambiente onde os bebês possam explorar o mundo sonoro e se conectar com a música de maneira prazerosa e enriquecedora.

Josete Feres, em suas propostas, enfatiza a importância da repetição e da familiaridade, especialmente por meio de canções de ninar. Ela sugere que as canções suaves e repetitivas, cantadas para o bebê desde os primeiros momentos de vida, têm um grande impacto no desenvolvimento da memória auditiva e emocional. Além disso, as canções de ninar servem como uma ferramenta para a construção de vínculo afetivo entre o bebê e o cuidador, criando um espaço de conforto e segurança. Feres também propõe que essas canções sejam acompanhadas de movimentos suaves, como balançar o bebê no colo, ajudando no desenvolvimento da percepção rítmica e na coordenação motora, de forma que o bebê associe a música ao movimento e à interação afetiva (MELO, 2017).

Outra proposta importante de Josete Feres é a exploração de sons. Ela sugere que bebês devem ser estimulados a explorar diferentes objetos sonoros, como sinos, pandeiros, chocalhos e outros instrumentos simples. Esses objetos permitem que os bebês experimentem variações de timbre, intensidade e ritmo, estimulando o desenvolvimento sensorial e motor. A manipulação de instrumentos também contribui para a coordenação motora, além de despertar a curiosidade auditiva, fundamental para o processo de aprendizagem musical. A interação com os sons e com os objetos sonoros também contribui para que o bebê desenvolva uma percepção espacial e corporal, já que ele começa a

entender a relação entre o som produzido e o movimento realizado (RODRIGUES; JOLY; FANTINI, 2016).

Além disso, Feres sugere atividades de imitação de sons, em que o educador ou cuidador faz sons simples, como batidas de palmas, estalos de dedos ou vocalizações, e o bebê é incentivado a repetir ou reagir a esses sons. Essa atividade favorece a percepção auditiva e a capacidade de imitação, que são fundamentais para o desenvolvimento da comunicação, além de estimular o aprendizado do ritmo e da melodia. A imitação também está diretamente ligada ao processo de socialização, pois ela envolve a interação entre o bebê e os outros, promovendo a construção de vínculos afetivos (RODRIGUES; JOLY; FANTINI, 2016).

Outro aspecto importante nas propostas de Feres é o trabalho com o movimento e o ritmo. Ela sugere que o bebê seja incentivado a mover o corpo ao som de músicas com diferentes tempos e ritmos. Atividades como balançar os braços, as pernas e o corpo, ao som de músicas animadas ou mais suaves, ajudam no desenvolvimento da percepção rítmica e na coordenação motora. Esse tipo de atividade também favorece a expressão corporal do bebê e fortalece o vínculo afetivo com os cuidadores, pois envolve o toque e a proximidade física. Além disso, o movimento ao ritmo da música permite que a criança perceba a conexão entre som e movimento, um aprendizado fundamental para a vida musical futura (MELO, 2017).

Já Margareth D'Arezzo, em suas propostas de musicalização, também se concentra no vínculo afetivo e na interação entre a criança e o educador. Uma de suas principais sugestões é o trabalho com a musicalização através de atividades em grupo, que promovem a socialização desde os primeiros meses de vida. Ela acredita que, mesmo os bebês muito pequenos, quando estimulados de forma adequada, podem participar de atividades musicais coletivas. As aulas de musicalização, segundo D'Arezzo, devem ser feitas com bastante movimento, utilizando cantos e danças que envolvam os bebês de maneira lúdica, criando um ambiente acolhedor e alegre. Ela também sugere que, além de cantar, os bebês devem ser estimulados a participar de atividades que

envolvam o uso de instrumentos de percussão, como tamborins e pandeiros, que eles podem sacudir, bater ou simplesmente explorar de forma sensorial.

Uma proposta significativa de D'Arezzo é a criação de espaços sonoros diversificados para que os bebês possam explorar os diferentes tipos de sons. Isso inclui o uso de instrumentos tradicionais, mas também sons da natureza e da vida cotidiana, para que as crianças desenvolvam uma ampla percepção auditiva. Além disso, a professora sugere atividades em que os bebês imitam sons e ritmos simples, uma técnica que reforça a percepção musical e a capacidade de comunicação não-verbal.

Tanto Josete Feres quanto Margareth D'Arezzo concordam que a musicalização para bebês deve ser um processo de descoberta e prazer. Elas enfatizam a importância do toque, do movimento e da repetição de músicas e sons, pois esses aspectos ajudam no fortalecimento das conexões neurais e no desenvolvimento de habilidades essenciais para o crescimento cognitivo, motor e emocional. As atividades de musicalização, quando feitas de maneira lúdica e afetiva, não apenas introduzem as crianças ao mundo da música, mas também criam experiências de aprendizagem que favorecem o desenvolvimento global da criança, promovendo habilidades sociais, emocionais e cognitivas que serão importantes ao longo de sua vida.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este trabalho reforçou a importância da música no desenvolvimento integral das crianças, desde o período pré-natal até os primeiros anos de vida. A revisão bibliográfica mostrou que a música não é apenas uma forma de expressão artística, mas também uma ferramenta poderosa para fortalecer vínculos afetivos, estimular habilidades cognitivas, emocionais e sociais, e promover o aprendizado de maneira integrada e prazerosa. A voz materna e os estímulos musicais precoces têm papel central na formação da sensibilidade auditiva, da memória musical e da identidade emocional da criança. Além disso, práticas de musicalização, como as propostas por Josete Feres e Margareth D'Arezzo, destacam a importância de um ensino lúdico, afetivo e interativo para potencializar essas capacidades.

Como mãe e educadora musical, posso afirmar que a experiência de vivenciar a música com minha filha e com outras crianças trouxe um entendimento ainda mais profundo sobre o tema. Na prática, percebo como a música é capaz de transformar momentos cotidianos em experiências significativas. Cantar para minha filha não é apenas uma forma de acalmá-la ou entretê-la, mas também de criar um diálogo afetivo e proporcionar estímulos para seu desenvolvimento. Como educadora, vejo diariamente como as crianças se conectam à música de forma natural e como ela pode ser usada para ensinar, acolher e construir laços.

Minha vivência me mostrou que a musicalização não é apenas uma técnica ou ferramenta pedagógica; ela é uma forma de comunicação universal, que transcende barreiras e se torna uma linguagem afetiva e educativa. Espero que este trabalho inspire outras mães, educadores e profissionais a integrar a música em seus contextos familiares e educativos, reconhecendo seu valor inestimável para o desenvolvimento humano. Afinal, a música é um dos primeiros presentes que podemos oferecer às crianças, deixando um impacto que ecoará por toda a vida.

## REFERÊNCIAS

AMORIM, Carla Patrícia Carvalho de. **Batuca bebê: a educação do gesto musical**. 2017. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/31272> Acesso em 23 de jun. de 2023.

BEYER, Esther. Os múltiplos caminhos da cognição musical: algumas reflexões sobre seu desenvolvimento na primeira infância. **Revista da ABEM**, v. 3, n. 3, 2014. Disponível em: <http://www.abemeducacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/488> Acesso em: 12 de jul. de 2023.

BRASIL. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil: Conhecimento de Mundo (vol. 3). Brasília: MEC/SEF, 1998.

CARVALHO, Eduarda. **Fundamentação de um programa de musicoterapia pré-natal**. 2018. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/3498/349855553012/html/> Acesso em: 21 de abr. de 2023.

CORREIA, Marcos Antônio. **Música na Educação: uma possibilidade pedagógica**. Revista Luminária, União da Vitória, nº 6, p. 83-87, 2003

CRUZ, Fernando Vieira da; CRUZ, Dayana Aparecida Marques de Oliveira. Reflexões da prática pedagógica voltada à criação musical. **Reflexão e Ação**, v. 26, n. 2, p. 267-282, 2018. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/4852> Acesso em 2 de jun. de 2023.

FOGAÇA, Vilma. **Formação inicial e continuada do educador musical: articulações pedagógicas e musicais no desenvolvimento das competências docentes**. 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/25366> Acesso em 4 de jun. de 2023.

FREIRE, Marina Horta et al. **Estudos de musicoterapia improvisacional musical centrada e desenvolvimento musical de crianças com autismo**. 2019. Disponível em: <https://ubammusicoterapia.com.br/wp-content/uploads/2021/06/Tese-Marina-Horta-Freire.pdf> Acesso em: 1 de ago de 2023.

GILBERTI, Fernanda Peres. **Relações, afetividade e significações musicais dos bebês**. 2021. Disponível em: [http://abemeducacaomusical.com.br/anais\\_congresso/v4/papers/969/public/969-4222-1-PB.pdf](http://abemeducacaomusical.com.br/anais_congresso/v4/papers/969/public/969-4222-1-PB.pdf) Acesso em: 4 de abr. de 2023.

ILARI, Beatriz. Bebês também entendem de música: a percepção e a cognição musical no primeiro ano de vida. **Revista da ABEM**, v. 10, n. 7, 2014. Disponível em: <http://www.abemeducacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/435> Acesso em: 12 de mai. de 2023.

KATER, C. et al. **Livro dos jogos**. Belo Horizonte: Governo do Estado de Minas Gerais, Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais, 1997.

LOPARDO, Carla Eugenia; REIS, Isabele Pereira; LEÃO, Jean Carlos Da Silva. **Fazendo música com bebês: uma experiência extensionista**. 2018. Disponível em: [http://abemeducacaomusical.com.br/anais\\_ersul/v3/index.html](http://abemeducacaomusical.com.br/anais_ersul/v3/index.html) Acesso em: 17 de jun. de 2023.



MARIANO, Fabiana Leite Rabello. **Música no berçário: formação de professores e a Teoria da Aprendizagem Musical de Edwin Gordon**. 2015. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-14122015-153241/pt-br.php> Acesso em: 2 de ago. 2023.

MELO, Cecília Paulozzi. **Possíveis contribuições da musicalização para bebês a crianças atendidas em programas de intervenção precoce**. 2017. Tese de Doutorado.

MOTA, Graça. Pesquisa e formação em educação musical. **Revista da ABEM**, v. 11, n. 8, 2014. Disponível em: <http://www.abemeducacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/409> Acesso em: 22 de jun. de 2023.

NETO, Edmar Mesquisa et al. A Musicoterapia e a Música na Medicina como terapia adjuvante no âmbito da Obstetrícia: Uma Revisão Bibliográfica. **Revista de psicologia**, v. 12, n. 40, p. 1139-1165, 2018. Disponível em: <https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/1182> Acesso em: 29 de abr. de 2023.

OLIVEIRA, Karla Dias de; ARAÚJO, Gustavo Andrade de. Música na gestação: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA. **Brazilian Journal of Music Therapy**, 2018. Disponível em: <https://musicoterapia.revistademusicoterapia.mus.br/index.php/rbmt/article/view/31> Acesso em: 21 de abr. de 2023.

OLIVEIRA, Rafael Galvão de. **Proposta de implementação da Teoria de Aprendizagem Musical de Edwin Gordon na Educação Infantil de acordo com os parâmetros da BNCC**. 2021. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/42631?mode=full> Acesso em 24 de ago. de 2023.

PEREIRA, Luiza de Mello. **Musicalização para bebês em um projeto de extensão universitária: o lugar da família nas práticas musicais das crianças**. 2022. Disponível em: <https://dspace.unipampa.edu.br/handle/rii/7981> Acesso em: 16 de jun. de 2023.

RODRIGUES, Helena; ARRAIS, Nuno; RODRIGUES, Paulo Maria. Variações sobre temas de desenvolvimento musical e criação artística para a infância. **Música e educação infantil**, n. 1, p. 37-68, 2013. Disponível em: <https://site.livrariacultura.com.br/imagem/capitulo/42123385.pdf> Acesso em 14 de jul. de 2023.

REYBROUCK, Mark; VUUST, Peter; BRATTICO, Elvira. Neural correlates of music listening: Does the music matter?. **Brain Sciences**, v. 11, n. 12, p. 1553, 2021. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC86995/> Acesso em: 12 de ago. de 2023.

RODRIGUES, Flávia Baldacini Navarro; JOLY, Ilza Zenker Leme; FANTINI, Renata Franco Severo. **Vivências de crianças em aulas de musicalização: re-significando as canções no cotidiano**. 2016.

RUAS, José Jarbas; VILARINHO, Fabiana de Freitas Angulo. Os efeitos da musicalização para o desenvolvimento musical em bebês de zero a dois anos. **OPUS**, v. 25, n. 3, p. 357-382, 2019. Disponível em: <https://www.anppom.com.br/revista/index.php/opus/article/view/opus2019c2516> Acesso em: 18 de abr. de 2023.

SILVA, Alessandro Pereira. **Contribuições da psicologia da música para a compreensão da expressividade na performance musical**. 2017. Disponível em: <https://www.amplificar.mus.br/data/referencias/ver/Contribuicoes-da-psicologia-da-musica-para-a-compreensao-da-expressividade-na-performance-musical> Acesso em: 13 de jun. de 2023.

SOARES, Cíntia Vieira da Silva. Música na creche: possibilidades de musicalização de bebês. **REVISTA DA ABEM**, v. 16, n. 20, 2014. Disponível em: [http://abemeducacaomusical.com.br/revista\\_abem/ed20/revista20\\_artigo8.pdf](http://abemeducacaomusical.com.br/revista_abem/ed20/revista20_artigo8.pdf) Acesso em: 21 de ago. de 2023.

SOUZA, Huly Caroline Reis; BARROS, Rosemara Staub. **A Mente Musical: fundamentos neurológicos, interculturais e educação musical**. 2016. Disponível em: [http://abemeducacaomusical.com.br/anais\\_ernt/v2/papers/1582/public/1582-6780-1-PB.pdf](http://abemeducacaomusical.com.br/anais_ernt/v2/papers/1582/public/1582-6780-1-PB.pdf) Acesso em: 03 de ago. de 2023.